

**O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E A PRÁTICA PEDAGÓGICA  
DO PROFESSOR DE LÍNGUA MATERNA**

*Monique Teixeira Crisóstomo* (UENF)  
[monikebj@gmail.com](mailto:monikebj@gmail.com)

*Sebastião Reis Teixeira Zanon* (IFF)  
[sebastiaoz@gmail.com](mailto:sebastiaoz@gmail.com)

*Eliana Crispim França Luquetti* (UENF)  
[elinafff@gmail.com](mailto:elinafff@gmail.com)

**RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo evidenciar como os professores de língua portuguesa utilizam o livro didático em suas aulas e se a sequência didática desses manuais está pertinente às propostas atuais de ensino de língua materna. A fim de constatar essas evidências, analisamos dois livros didáticos de língua portuguesa – um de cunho tradicional e outro de cunho linguístico –, com o intuito de verificar de que maneira cada uma dessas abordagens influenciam em um processo de ensino-aprendizagem mais produtivo. Aplicamos, também, um questionário a professores do nono ano do ensino fundamental, das redes estadual e municipal da cidade de Bom Jesus do Itabapoana, a fim de verificarmos como eles concebem o livro didático de língua portuguesa, e como o utilizam em sua prática docente. Para efetivar essas constatações, utilizamos os pressupostos teóricos da linguística e dos estudos sobre os livros didáticos, valendo-nos de diversos teóricos, dentre eles: Coracini (2011), Soares (1986), Marcuschi (2005), Bezerra (2005).

**Palavras-chave:** Livro didático. Ensino de língua materna. Prática pedagógica.

**1. Considerações iniciais**

Neste artigo, apresentaremos a análise de dois livros didáticos de língua portuguesa, a fim de evidenciar de que forma esses materiais são utilizados pelos docentes e se sua sequência didática está pertinente às propostas atuais de ensino de língua materna. Além disso, evidenciamos, através de questionários que foram aplicados a professores da área, de

que forma esses profissionais concebem e utilizam esse apoio pedagógico em suas práticas.

Na primeira etapa da análise, realizamos a verificação de dois livros didáticos de língua portuguesa do nono ano do ensino fundamental. O primeiro manual é intitulado por *Novo Diálogo*, cujas autoras são Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho, e o segundo é *Português: Uma Proposta Para o Letramento*, de Magda Soares. Nosso objetivo é contrapor as abordagens realizadas nos dois manuais, em que uma é de caráter tradicional e outra de caráter linguístico. Dessa forma, tentaremos verificar de que maneira cada uma dessas abordagens influenciam em um processo de ensino-aprendizagem mais produtivo.

Ao analisar os dois livros didáticos citados, levaremos em consideração alguns critérios: sequência didática, abordagem de variedades linguísticas, se privilegiam ou não a norma culta da língua, como se dá o trabalho com os gêneros textuais e se levam em consideração a oralidade.

Já na segunda etapa, procedemos à aplicação de questionários a professores do nono ano do ensino fundamental, das redes estadual e municipal da cidade de Bom Jesus do Itabapoana, a fim de verificarmos como eles concebem o livro didático de língua portuguesa, e como o utilizam em sua prática docente.

## **2. O livro didático *Novo Diálogo***

O primeiro fato que nos chama a atenção nesse manual é que uma das autoras não é uma profissional da área educacional e sim uma psicóloga. Dessa maneira, surge a seguinte indagação: será que isso influenciará nas abordagens realizadas pelo livro? Responderemos essa questão ao longo do capítulo, após realizarmos uma análise mais detalhada sobre a obra. Já a outra autora é graduada em letras, com especialização em linguística textual, e professora de língua portuguesa, literatura e redação no ensino fundamental e no ensino médio.

O livro é composto por sete módulos, cada qual com um tema a ser trabalhado. Ele não abordada uma sequência fixa, podendo variar de ordem, mas apresenta os seguintes tópicos:

- Texto 1;
- Trabalhando a gramática;
- Texto 2;
- Dialogando com o texto;

- Dialogando com a imagem– é abordada somente nos módulos 1, 4, 5;
- Trabalhando a gramática;
- Trabalhando a ortografia – é abordada somente nos módulos 2 e 6;
- Trabalhando a linguagem e
- Projeto de redação.

No que se refere às abordagens dos textos, eles são, na maioria das vezes, bem extensos, com um vocabulário rebuscado e estão descontextualizados da realidade dos educandos. Tudo isso faz com que os alunos não tenham um maior apreço pela leitura e, muito menos, para debater sobre o assunto, o que faz as aulas tornarem-se mecânicas e não produtivas. Já em relação à compreensão do texto – denominada *Dialogando com o texto* –, as perguntas requerem do aluno respostas prontas, retiradas dos próprios textos, que não o levam à reflexão e que nada têm a ver com sua realidade, sendo assim, mais uma vez, um ato mecânico. Segundo Bezerra (2005, p. 47),

O estudo de texto se encerra em si mesmo, com alunos cumprindo as exigências de um currículo, que quase nunca tem relação com a vida não escolar, apesar de uma boa seleção textual. Assim, vemos que textos bem escolhidos, mas com abordagens inadequadas, podem não favorecer a aprendizagem da leitura, escrita e análise linguística.

Coracini (2011, p. 12) afirma que há “uma tendência à repetição como forma de exercício de poder e estabelecimento de verdades que transcendem toda e qualquer interpretação” e, com isso, “professor e alunos são silenciados para ceder voz a um saber estável” (*Idem*, p. 13). Na obra analisada, geralmente, para cada texto há um número médio de oito a dez questões, diversificadas entre questões objetivas e discursivas, mas todas elas produzidas de forma a requerer respostas mecanizadas.

Nos módulos 1, 4 e 5 aparece a seção *Dialogando com a imagem*, que se baseia na apresentação de uma imagem relacionada ao tema proposto e que traz algumas perguntas nela baseadas. O que aqui cabe ressaltar é que, mais uma vez, as indagações feitas aos alunos podem ir além de seu contexto cultural, ou seja, fugindo à sua realidade. No módulo 1, por exemplo, as respostas a duas perguntas realizadas requerem que o educando possua um conhecimento sobre o que representa cada cor para que chegue a uma resposta julgada “adequada” por esse livro didático, e sabemos que a maioria dos educandos de escolas públicas estão distantes de tal informação. Para exemplificarmos tal fato, exporemos a seguir duas páginas da seção abordada.



## Dialogando com a Imagem

O que há de comum entre a Arte Pop e a crônica? Ambas tratam de temas populares e comuns. As criações dos artistas desse movimento buscam retratar fatos do cotidiano, principalmente da sociedade de consumo.

Observe a tela *O beijo* do artista Roy Lichtenstein.



Lichtenstein — O beijo — 1962

1. Roy Lichtenstein utiliza a linguagem das histórias em quadrinhos em um tipo específico de arte — a *Pop Art*. Você gosta desse tipo de obra de arte? Justifique.

Resposta pessoal.

2. Observe as cores empregadas nessa tela. Quais chamam mais a atenção? O que elas provocam no observador?

Resposta pessoal.

Professor, o uso de cores fortes e tons intensos como o azul, o amarelo e o vermelho ajudam a criar impacto no observador.

3. O artista conseguiu criar um clima de amor e emoção? Como?

Resposta pessoal.

Professor, o aluno deverá perceber que as cores fortes e quentes empregadas na tela e a posição em que as figuras foram retratadas permitem inferir que elas vivenciam um momento amoroso.

**Figura 1: Seção *Dialogando com a imagem*. Fonte: Livro didático *Novo Diálogo***

A seção *Trabalhando a gramática* – que aparece duas vezes em cada módulo – aborda de forma bem tradicional os conteúdos gramaticais, conceituando os termos, mostrando seus vários tipos (como ocorre no caso das orações subordinadas substantivas, por exemplo) e abordando questões no que tange à gramática normativa, ou seja, priorizando a norma culta. Apesar de as atividades serem envolvidas e camufladas através de textos, todas elas são de cunho gramatical, em que se valoriza a conceituação dos termos na oração, deixando à mercê qualquer reflexão sobre os fenômenos que emergem na língua, no dia a dia dos educandos. Assim, fica mais do que comprovado que se privilegia a norma padrão e descartam-se as variedades linguísticas existentes.

2. O terceiro período informa ao leitor que “Alguns acreditam que o hábito [de beijar] tem origem na relação mãe e filho”.

a) Que oração, nesse período, informa no que “alguns acreditam”?

“que o hábito tem origem na relação mãe e filho”

b) Essa oração, no período, é subordinada. Como é possível reconhecer isso?

A oração vem ligada à oração anterior por meio de um conectivo — a

conjunção **que** — e completa o seu sentido.

c) Qual é a oração principal do período?

“Alguns acreditam”

d) Essa oração apresenta estrutura completa, isto é, sujeito, verbo e complemento?

Não; a oração “Alguns acreditam” apresenta sujeito e verbo, mas não apresenta complemento.

**Oração subordinada** é aquela que desempenha sempre uma função sintática em relação a outra oração.



**Oração principal** é aquela que serve de suporte para uma ou mais orações subordinadas.



4. Leia as frases a seguir e faça o que se pede.

( PS ) As pessoas necessitam de amor em suas vidas.

( PC ) Percebe-se que as culturas dos povos são diferentes.

( PC ) O essencial é que se leiam bons livros.

( PS ) Nós queríamos apenas uma coisa: a descoberta da origem do beijo.

a) Identifique, nos parênteses, se as frases acima são formadas por períodos simples (PS) ou compostos (PC). Depois, transforme os períodos simples em períodos compostos.

• As pessoas necessitam de que haja amor em suas vidas.

• Nós queríamos apenas uma coisa: que se descobrisse a origem do beijo / que a origem do beijo fosse descoberta.

b) Explique o que é preciso fazer para transformar os períodos simples em compostos.

Após a leitura do período, identificar o substantivo que será transformado em uma oração substantiva, a qual poderá ser iniciada por uma conjunção integrante **que** ou **se**.

**Figura 2: Seção Trabalhando a Gramática. Fonte: Livro didático Novo Diálogo**

A seção *Trabalhando a ortografia* – abordada somente nos módulos 2 e 6 – é também uma seção de cunho gramatical, em que são abordadas questões relacionadas à norma culta da língua, e com atividades

que não levam o educando a refletir sobre os fenômenos linguísticos. Tomamos como exemplo o módulo 6, em que se trabalha com o uso da crase, com atividades mecânicas, nas quais o principal objetivo é saber empregar as regras impostas pela gramática tradicional sobre o tema abordado e aplicá-las em orações.

3. Escreva, nos espaços do trecho a seguir, a, à, as ou às.

O patrocínio aos profissionais de aventuras no Brasil tem crescido. Às vezes, eles são convidados a dar palestras em escolas e empresas, o que ajuda a divulgar suas experiências e estimular a busca de novas aventuras.

Figura 3: Seção *Trabalhando a Ortografia*. Fonte: Livro didático *Novo Diálogo*

5. Marque apenas a(s) frase(s) em que o a necessita de crase.

- ( x ) À entrada dos palestrantes, todos os aplaudiram.
- ( ) Doarei esse quadro a óleo a alguma instituição de caridade.
- ( x ) Fomos a Portugal, à Bélgica, à Alemanha.
- ( ) A loja fica aberta de segunda a sábado, a partir das oito horas.
- ( x ) À medida que fui aprendendo e conhecendo novas culturas, passei a viver melhor.
- ( ) Vamos começar a encaminhar adolescentes ao mercado de trabalho.
- ( ) Os exercícios físicos deram a ela mais disposição.

Figura 4: Seção *Trabalhando a Ortografia*. Fonte: Livro didático *Novo Diálogo*

Outra seção abordada pelo livro didático é *Trabalhando a Linguagem*, que também traz exercícios repetitivos, sendo primeiro abordado um texto e, posteriormente, a conceituação de alguns termos referentes à linguagem, como é o caso da linguagem figurada, no módulo 4, em que se trabalham os seguintes conceitos: denotação e conotação e algumas figuras de linguagem (ironia, antítese, gradação, anáfora, catacrese, etc.). Pode-se constatar que, nessa seção, todos os exemplos foram retirados de textos muito distantes da realidade da maioria dos alunos de escolas públicas, pois foram abordados em poemas, por exemplo, cuja linguagem é mais rebuscada, o que leva o educando somente a saber conceituar os termos e não a refletir sobre os fenômenos da língua. Para que tal abordagem fosse realizada de forma mais produtiva, seria importante que o professor fizesse um trabalho além do que requer esse livro didático, que desenvolvesse previamente atividades que evidenciassem as vari-

idades linguísticas, mostrando a seus alunos que existem várias formas de representar uma mesma língua. Desse modo, Marcuschi (2005, p. 32) postula que

É importante ter em mente que o ensino de língua na escola não visa a formar linguistas ou gramáticos e muito menos analistas da fala, analistas de texto ou da conversação. Tudo se resume a esse objetivo: *ensinar os alunos a perceberem a riqueza que envolve o uso efetivo da língua como um patrimônio maior do qual não podemos abrir mão.*

A última seção de cada módulo é intitulada como *Projeto de Redação* e é a seção que julgamos a mais bem trabalhada do manual didático avaliado.

Em cada uma dessas seções trabalha-se com um dado tema ou gênero textual, porém de forma bem superficial. Em seguida, são apresentados vários textos destacando suas características. No entanto, algumas questões relacionadas a esses textos não deixam de ser também meramente de conceituação, como ocorre no módulo 1, ao se trabalhar com crônica e notícia. Uma das atividades propostas pelo livro didático – que segue abaixo – é para identificar se as definições apresentadas pertencem à crônica ou à notícia. Seria bem mais produtivo se essas características fossem efetuadas em textos sobre o assunto, em que o aluno identificaria as peculiaridades de cada gênero dentro de seus contextos. Ao fim do módulo, após discutir questões sobre cada um desses dois gêneros textuais trabalhados, pede-se para que cada aluno escreva uma crônica a fim de organizarem uma coletânea com os textos produzidos.

2. Nos tópicos a seguir, identifique os que caracterizam a crônica ou a notícia.

a) Texto em que se dá um toque próprio, incluindo elementos como ficção, fantasia, criticismo.

crônica

b) Texto essencialmente informativo, impessoal.

notícia

c) Apresenta uma visão totalmente pessoal sobre o acontecimento.

crônica

d) Apresenta uma linguagem predominantemente coloquial.

crônica

e) Apresenta narrador e personagens que atuam em um tempo e espaço.

Figura 5: Seção *Projeto de Redação*. Fonte: Livro didático *Novo Diálogo*

Após a análise dos módulos, cabe ressaltar que o livro didático *Novo Diálogo* ainda necessita passar por algumas (re)formulações para que o ensino de língua materna seja mais produtivo, com o intuito de valorizar mais a cultura social e linguística que os alunos de escolas públicas – geralmente de uma classe social menos elevada – chegam à escola. Seria importante que trabalhasse com questões relacionadas à oralidade, com gêneros e exemplos que retomassem essa modalidade da língua, o que tornaria o processo da aprendizagem mais produtivo, uma vez que essas questões estão relacionadas ao cotidiano do educando, ou seja, elas estão contextualizadas com a realidade dos alunos.

Assim, destaca-se que uma das causas que podem levar a essa abordagem mais tradicional dos conteúdos é o fato de uma das autoras não possuir nenhuma formação na área de letras, o que leva a uma menor reflexão sobre a importância da educação linguística no contexto escolar.

Diante de toda essa problematização levantada até aqui, cabe ao professor fazer as alterações que julgar necessárias para que a utilização do livro didático possa ser realizada de forma que traga contribuições importantes no processo da aprendizagem, levando os educandos – e até mesmo o docente – a refletir sobre os fenômenos da língua e não a uma mera “decoreba” ou conceituação dos termos gramaticais.

### 3. *Livro didático Português: Uma Proposta Para o Letramento*

Esse manual foi adotado na pesquisa visto que traz uma abordagem linguística para o ensino de língua materna, diferentemente do primeiro analisado, baseando-se nas propostas do letramento.

O livro didático *Português: Uma Proposta Para o Letramento*, de autoria de Magda Soares – licenciada em letras e doutora em educação –, é dividido em quatro unidades que não estabelecem uma sequência didática definida, mas que trabalham os seguintes tópicos em cada uma delas:

- Leitura {
  - Preparação para a leitura
  - Leitura oral
  - Leitura silenciosa
  - Interpretação oral
  - Interpretação escrita
  - Sugestões de leitura

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- Produção de texto
- Linguagem oral
- Língua oral – Língua escrita
- Vocabulário
- Reflexão sobre a língua

Esses tópicos são definidos a fim de organizar o livro didaticamente, pois as atividades propostas em cada tópico relacionam-se, ou seja, atividades de leitura são também atividades de reflexão sobre a língua; atividades de interpretação escrita são também atividades de produção de textos. Desse modo, todo o livro está organizado de forma que as seções dialogam entre si, os exercícios se interagem nas diversas áreas e, muitas vezes, faz um trabalho intertextual.

Esse livro didático é organizado por unidades temáticas, sendo cada uma delas compostas por textos que contemplam diversos gêneros textuais dentro de um mesmo tema. Segundo Magda Soares, a intenção é mostrar ao aluno como um mesmo assunto pode materializar-se em diferentes gêneros, de diferentes formas e com diversas finalidades. Ainda de acordo com a autora,

Os temas das unidades buscam, em primeiro lugar, atender interesses de alunos pré-adolescentes e adolescentes e, em segundo lugar, propiciar oportunidades de reflexão sobre questões do mundo atual, com o objetivo de contribuir para a formação pessoal e social do jovem (SOARES, 2002, p. 9 – *Manual do Professor*).

Serão, pois, discutidos, a seguir, cada um dos tópicos constituintes das unidades do manual didático em questão.

Os textos abordados no livro didático aqui pesquisado são, em sua grande maioria, curtos, o que desperta no aluno a curiosidade pela leitura e aguça a vontade de ler o texto. Assim, percebe-se que o livro didático *Português: Uma Proposta Para o Letramento*, traz realmente uma proposta diferenciada para o ensino de língua materna, baseado nas perspectivas linguísticas e considerando a realidade em que o educando – principalmente o da escola pública – está inserido.

O tópico *Preparação para a leitura* visa começar o trabalho com um dado texto antes mesmo que ele seja apresentado, em que o leitor é levado a criar hipóteses sobre o que vai ler.

Na seção *Leitura oral*, tem-se por objetivo levar o aluno a praticar a leitura oral, a fim de que ele perceba as características sonoras de um

dado texto – como ritmo, sonoridade e musicalidade em um poema, por exemplo – e desenvolver habilidades como falar em público, por exemplo. Em atividades posteriores, ele irá empregar tais habilidades adquiridas em atividades relacionadas à escrita. Segundo Marcuschi,

Deve-se frisar que não se trata de transformar a fala num tipo de conteúdo autônomo no ensino de língua: ela tem de ser vista integralmente e na relação com a escrita. Por isso, é necessário ter clareza quanto ao papel deste tipo de trabalho (2005, p. 25).

A *Leitura silenciosa* é realizada com o intuito de que o educando possa refletir sobre o texto, ou seja, para que ele faça conexões do texto trabalhado com informações que já possui sobre o mesmo, para que reflita sobre as imagens que o texto traz – quando este vem ilustrado. No exemplo a seguir, retirado da unidade 2 do livro analisado, foram apresentados dois parágrafos de uma crônica, de Affonso Romano de Sant’Anna, para que os alunos realizassem uma leitura silenciosa. A apresentação desses dois parágrafos, num primeiro momento, deu-se ao fato de que tal texto é dotado de diversas referências contextuais e, por isso, julgou-se necessário garantir a compreensão de tais referências pelo aluno nesse momento da leitura.

leitura silenciosa

Inicialmente, vocês vão ler e, em seguida, interpretar apenas os dois primeiros parágrafos da crônica.

### BILHETE AO FUTURO

Affonso Romano de Sant'Anna

Bela idéia essa de Cristóvam Buarque, reitor da Universidade de Brasília, de pedir a diversas pessoas no país que escrevam um “bilhete ao futuro”. O projeto é recolher hoje uma série de mensagens que seriam abertas em 2089. Mensagens onde expressaríamos nossas esperanças e perplexidades diante do tumultuado presente e do fabuloso futuro.

Oportuníssima e fecunda idéia. Ela nos coloca de frente ao século XXI, nos incita a liquidar de vez o século XX e a sair da hipocondria político-social. Pensar o futuro é um exercício de vida. O que projetar para amanhã?

[...]

Figura 6: Seção *Leitura Silenciosa*.

Fonte: Livro didático *Português: Uma Proposta Para o Letramento*

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A seção *Interpretação oral* tem por finalidade levar os educandos a discutirem oralmente um dado texto, para que exponham suas opiniões, para que levantem hipóteses e argumentos sobre o texto trabalhado. Assim, eles argumentarão uns com os outros, discutirão suas ideias, ou seja, irão refletir sobre os fenômenos abordados, o que torna o processo da aprendizagem de língua materna mais produtivo, fugindo da mera decodificação das palavras. Um exemplo desse tipo de atividade segue como anexo E.

Após a *Interpretação oral*, é trabalhada a *Interpretação escrita*, que tem como objetivo que o aluno reflita sobre os textos lidos e, posteriormente, passe essas reflexões para o papel através das perguntas realizadas. Cabe aqui salientar que as perguntas feitas sobre os textos levam o educando a refletir sobre os fatos, a fazer inferências e a estabelecer relações com outros textos (sejam estes escritos ou em imagens), ou seja, as perguntas não são formuladas de modo a receberem repostas prontas ou copiadas do próprio texto. Portanto, para que essa interpretação seja ainda mais produtiva, é necessário que o educador discuta as repostas com seus alunos, para que, através das discussões coletivas, ampliem as habilidades de leitura, para que argumentem sobre seu ponto de vista. Assim, segundo a autora desse manual (2002, p. 14 – manual do professor),

A verdadeira finalidade das questões de *Interpretação Escrita* de textos é o desenvolvimento de habilidades de reflexão, interpretação, análise, síntese, avaliação; encontrar a resposta é secundário: *o importante é refletir em busca da resposta*. Além disso, muitas vezes a resposta dependerá do sentido que cada aluno constrói, em sua interação com o texto, de acordo com suas condições pessoais de produção da leitura.

As questões a seguir foram retiradas do livro didático analisado.

2 Identifique as referências que o telegrama faz ao presente:

- Quais são os aspectos **positivos** do presente mencionados no telegrama?
- Quais são os aspectos **negativos** do presente mencionados no telegrama?

- 4 Após a citação do telegrama que aparece no romance *João Ternura*, o cronista manifesta sua dúvida:

“Que telegrama fazer hoje? Aquele ficou velho? Não sei.”

- a. O romance *João Ternura* se passa em meados do século XX, logo, o telegrama foi escrito nessa época.

Calcule: quanto tempo, aproximadamente, separa a crônica do telegrama?

32

**Figura 7: Seção Interpretação Escrita.**

**Fonte: Livro didático *Português: Uma Proposta Para o Letramento***

Nos exemplos acima citados, as questões 2 e 4 não visam a que os alunos copiem do texto trabalhado a resposta desejada e sim que eles reflitam sobre o assunto e, em seguida, formulem sua resposta. A questão 4, principalmente, requer que o educando calcule o tempo que separa a crônica da notícia através de informações oferecidas pelo texto, realizando, portanto, uma atividade interdisciplinar com conteúdos de matemática.

Percebe-se, através da análise aqui realizada, que as questões são formuladas de modo que realmente contemplem essas perspectivas abordadas pela autora, mas é necessário, também, que o professor tenha (in)formação para que faça desse livro didático um instrumento eficaz no processo da aprendizagem, mas que ele não seja o único recurso utilizado e nem visto como fonte de legitimidade do conhecimento.

Já a seção *Sugestões de leitura*, como o próprio nome já diz, traz sugestões de leituras a serem realizadas pelos alunos. Tais sugestões têm a ver com os temas e gêneros trabalhados em cada seção, visto que Magda Soares defende a ideia de que o educando pode ter-se envolvido com um dado tema trabalhado e querer buscar mais informações sobre ele. Traz, também, no mínimo uma sugestão de sites, uma vez que estes são de maior acesso aos adolescentes e que tornam-se mais atrativos.

Em *Produção de texto*, trabalha-se durante toda a unidade com questões relacionadas à produção textual, a fim de que os alunos percebam a expressão escrita como uma forma de comunicação. Diferentemente da maioria dos livros didáticos de língua portuguesa conhecidos pelo pesquisador, o manual didático *Português: Uma Proposta Para o Letramento* aborda questões de produção de texto de maneira distinta, uma vez que trabalha com temas referentes à produção várias vezes na

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

unidade e que, ao chegar ao final de cada uma delas e pedir para elaborar um texto, o aluno terá suporte teórico para desenvolver sua escrita e saberá o porquê de desenvolver tal texto. Mais uma vez cabe ressaltar que o trabalho do docente é de suma importância para que se chegue ao objetivo proposto por este livro.

Na seção *Linguagem oral* busca-se trabalhar com competências relacionadas à oralidade em contextos mais estruturados e formais, ou seja, trabalhar com questões que vão além do convívio familiar e cultural do educando, porém, que não o discrimine.

A seção *Vocabulário* visa ampliar o repertório lexical dos alunos, por meio de atividades que levam ao trabalho com dicionários e com inferência do sentido de uma palavra dentro de um contexto.

Em *Reflexão sobre a língua*, as atividades dessa seção estão voltadas para questões que analisem a língua em uso, ou seja, destacando o trabalho com as variedades linguísticas, os diferentes registros, entre outras. As atividades de *reflexão sobre a língua*, na maioria das vezes, estabelecem relação com outras seções, sendo assim contextualizadas. No exemplo a seguir, percebemos que essas conexões são realizadas com produção de texto, vocabulário e interpretação oral.

### reflexão sobre a língua

Os dois telegramas apresentados na crônica são escritos com algumas das características próprias da linguagem de telegramas:

- são omitidas palavras que o leitor pode recuperar sem dificuldade;
- sinais de pontuação são omitidos ou são substituídos por letras;
- as frases são em geral curtas e independentes;
- não é usada a letra maiúscula no começo das frases.

Um bilhete seria escrito de forma diferente; compare:

<p>“Estamos fazendo força para te alcançar <i>stop</i> demora motivo últimas resistências antiga estrutura social bem como safadeza má-fé demagogia <i>stop</i> prazer constatar bons resultados campanha contra superstições preconceitos que retardam nosso progresso...”</p>	<p>Estamos fazendo força para te alcançar. A demora tem por motivo as últimas resistências da antiga estrutura social, bem como a safadeza, a má-fé e a demagogia; apesar disso, temos o prazer de constatar os bons resultados da campanha contra as superstições e os preconceitos, que retardam nosso progresso.</p>
---	---

**Figura 8: Seção Reflexão sobre a Língua.**

**Fonte:** Livro didático *Português: Uma Proposta Para o Letramento*

- 1 Por que, num telegrama, procura-se reduzir o número de palavras?
- 2 Reescreva, em seu caderno, o telegrama do cronista, transformando-o em um *bilhete*:
  - ◆ Restabeleça as palavras que foram omitidas.
  - ◆ Use a pontuação adequada, substituindo as palavras *stop* e *vírgula* pelo sinal correspondente e acrescentando sinais, quando for necessário.
  - ◆ Acrescente palavras para reunir duas frases, articulando-as.
  - ◆ Use letra maiúscula no início das frases.
- 3 Faça agora o contrário: reescreva em seu caderno o texto abaixo, que poderia ser um trecho de um *bilhete* ao futuro, transformando-o em um *telegrama*; procure omitir o maior número possível de palavras, mas de forma a não prejudicar a compreensão de quem for ler o telegrama, use frases curtas, substitua os sinais de pontuação por letras (*pt*, *vg*).

Embora a violência cresça no mundo atual de forma assustadora, queremos conquistar a paz e a fraternidade entre todos os homens; entretanto, sabemos que não venceremos a violência se não eliminarmos as injustiças sociais, a fome, a miséria e o desemprego.

**Figura 9: Seção Reflexão sobre a Língua.**

**Fonte:** Livro didático *Português: Uma Proposta Para o Letramento*

Percebe-se, então, que apesar de o livro didático *Português: Uma Proposta Para o Letramento* não ser uma versão mais atualizada, visto que sua publicação data do ano de 2002, ele traz abordagens diferentes sobre o ensino de língua materna. Cabe, pois, cabe ao professor ter a consciência de que mesmo assim ele não é um material completo e acabado, não sendo o único recurso pedagógico a ser utilizado na escola, e que o educador deve fazer as adequações necessárias de acordo com a realidade de sua sala de aula.

#### **4. Prática docente e ensino de língua materna: uma análise dos questionários aplicados a professores da rede pública de Bom Jesus do Itabapoana**

O trabalho com o livro didático em sala de aula, como principal material pedagógico, é fato que se faz presente há algum tempo na história da educação brasileira. Vale ressaltar que esse assunto vem despertando a atenção de muitos estudiosos, uma vez que o livro didático não é um material completo e pode, assim, ser utilizado de forma inadequada se estiver muito distante da realidade dos estudantes, principalmente os de escolas públicas. Por isso, cabe ao educador fazer as adequações necessárias para que o trabalho com esse instrumento pedagógico seja realizado de forma eficaz, a fim de que se atinja o objetivo maior do processo educacional: a aprendizagem.

Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998, p. 48),

A escola deve assumir o compromisso de procurar garantir que a sala de aula seja um espaço onde cada sujeito tenha o direito à palavra reconhecido como legítimo, e essa palavra encontre ressonância no discurso do outro. Trata-se de instaurar um espaço de reflexão em que seja possibilitado o contato efetivo de diferentes opiniões, onde a divergência seja explicitada e o conflito possa emergir; um espaço em que o diferente não seja nem melhor nem pior, mas apenas diferente, e que, por isso mesmo, precise ser considerado pelas possibilidades de reinterpretação do real que apresenta; um espaço em que seja possível compreender a diferença como constitutiva dos sujeitos.

A mediação do professor, nesse sentido, cumpre o papel fundamental de organizar ações que possibilitem aos alunos o contato crítico e reflexivo com o diferente e o desvelamento dos implícitos das práticas de linguagem, inclusive sobre aspectos não percebidos inicialmente pelo grupo – intenções, valores, preconceitos que veicula, explicitação de mecanismos de desqualificação de posições – articulados ao conhecimento dos recursos discursivos e linguísticos.

Desse modo, muitas são as políticas públicas educacionais – como os PCN – que alertam para um ensino de língua materna mais produtivo, pautado nas perspectivas linguísticas, com atividades que levem os educandos a refletirem sobre os fenômenos da língua. Assim, os educadores deveriam valer-se de tais critérios para realizar o trabalho com o livro didático, entendendo que ele é um material incompleto e que necessita de adaptações.

A fim de verificar como se dá o trabalho do docente com o livro didático em sua prática pedagógica, foram aplicados vinte questionários – com dez perguntas (fechadas) cada – a professores do nono ano do ensino fundamental da rede pública – estadual e municipal – de Bom Jesus do Itabapoana, cidade onde residio e trabalho.

Cabe salientar que foram encontradas algumas dificuldades para a aplicação dos questionários em questão, uma vez que grande parte dos professores convidados a respondê-los sentiram-se incomodados e/ou com medo de não darem respostas satisfatórias. Houve, também, alguns docentes que não devolveram os questionários, afirmando que não tiveram tempo ou que não souberam responder as perguntas nele contidas. Enfim, alguns obstáculos foram encontrados para a aplicação desse material, o que pode servir como base para análise de que muitos professores têm receio de passarem por indagações a respeito de sua prática pedagógica e de como utilizam e concebem o livro didático em suas aulas.

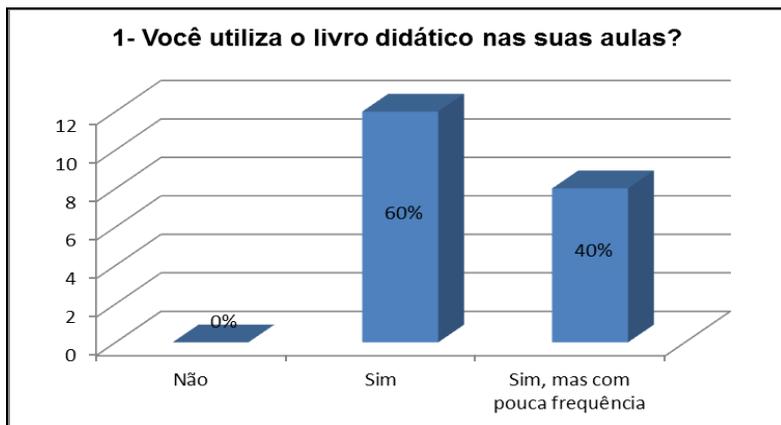
Todos os docentes questionados são regentes de turmas de língua materna há mais de dez anos e somente quatro deles não possuem pós-graduação, o que pode indicar que já são profissionais com bastante experiência de trabalho com o ensino de língua.

A seguir, será apresentada a análise dos questionários aplicados – cujo modelo encontra-se na seção dos apêndices.

A primeira questão proposta no questionário aborda se o professor utiliza o livro didático em suas aulas de língua portuguesa e foi encontrado o resultado do gráfico 1, abaixo.

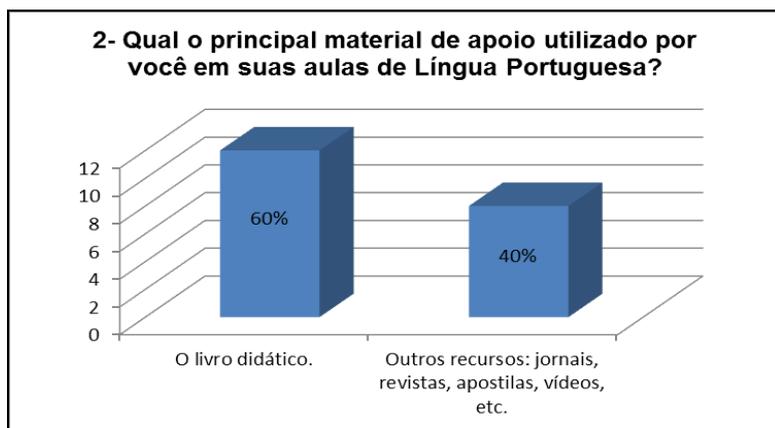
Com a avaliação realizada acima, percebe-se que a grande maioria dos educadores ainda se valem do manual didático como principal ferramenta utilizada no processo da aprendizagem da língua materna, o que mostra que o material acaba por se instituir como a ferramenta eficaz para que o ensino seja produtivo. O fato de nenhum docente responder que não utiliza o material em suas aulas pode, também, validar a premissa de

que o livro didático é o principal recurso ainda utilizado nas escolas públicas e que seu uso funciona, como afirma Coracini (2011), como fonte de legitimação do conhecimento.



**Gráfico 1 – Utilização dos livros didáticos nas aulas de língua materna.**  
Fonte: dados da pesquisa

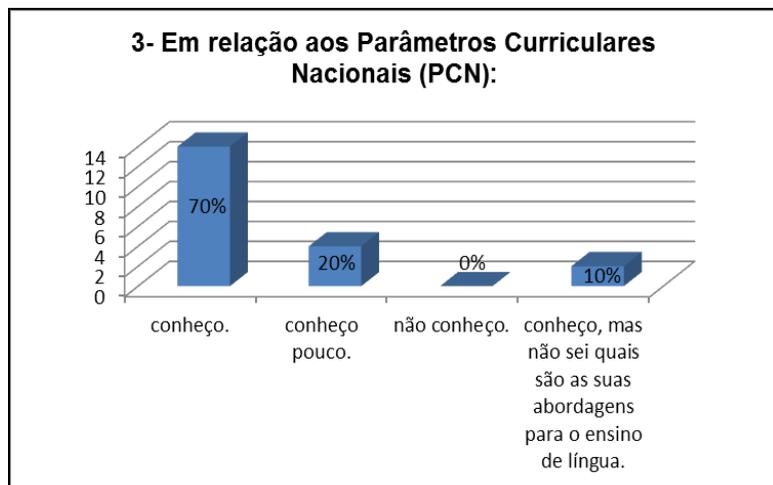
A segunda pergunta realizada no questionário acaba por complementar a primeira, em que se indaga do professor qual o principal material de apoio utilizado em suas aulas de língua portuguesa e chegou-se à seguinte resposta:



**Gráfico 2 – Materiais de apoio utilizados nas aulas de língua portuguesa.**  
Fonte: dados da pesquisa

Os mesmos educadores que disseram fazer uso do livro didático em todas as aulas, conseqüentemente, afirmaram ser esse material sua principal fonte didática no trabalho com o ensino de língua. Os demais responderam optar por outros recursos didáticos como jornais, revistas, apostilas, vídeos, etc. Percebe-se, então, que muitos educadores podem, talvez, seguir o manual didático por ser ele um material que já vem pronto, que traz uma seqüência e um roteiro de trabalho, o que pode facilitar a vida do professor, uma vez que sua carga horária de trabalho é, na maioria das vezes, muito extensa.

A terceira questão relaciona-se aos *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN – perguntando sobre o conhecimento do educador sobre esse documento.

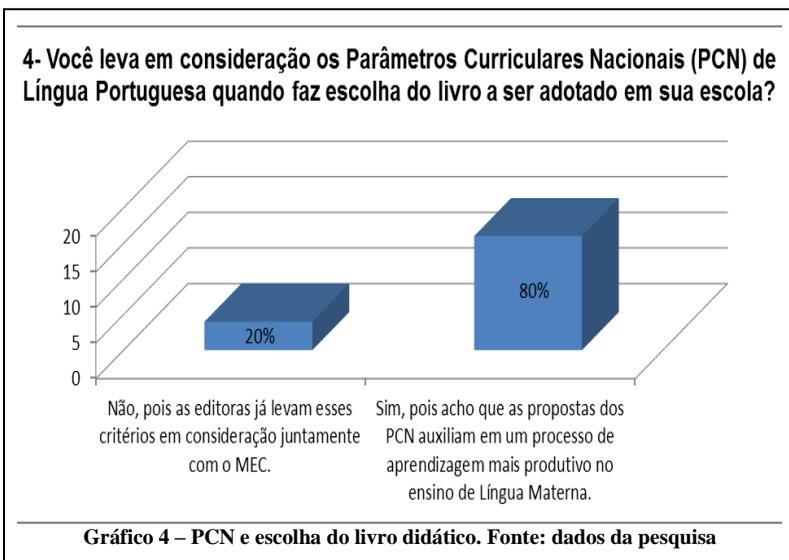


**Gráfico 3 – Conhecimento sobre os PCN. Fonte: dados da pesquisa**

Tal resultado revela que os docentes, em sua maioria, dizem ser conhecedores dos parâmetros que norteiam o ensino de língua materna, o que leva-se à dedução de que deveriam basear suas aulas em muitos outros materiais além do livro didático, visto que este não contempla muitas abordagens de conteúdos indicadas pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, para que o ensino de língua possa ser produtivo e eficaz, deixando uma aprendizagem meramente formal em prol de uma abordagem mais reflexiva da língua.

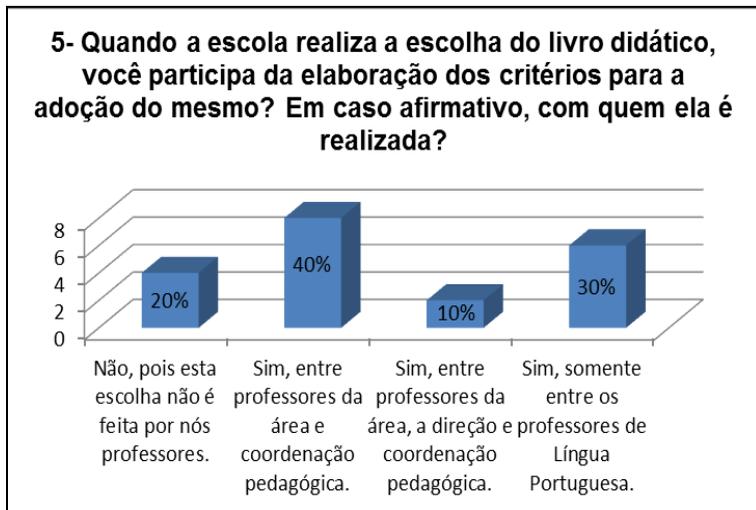
A quarta pergunta aborda se o professor leva em consideração os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* quando faz

escolha do livro a ser adotado em sua escola. Para ela foi encontrada a seguinte resposta:



Os quatro professores que responderam “não” a essa questão afirmaram, na questão anterior, que conhecem os PCN e, na segunda, que fazem o uso do livro didático diariamente em suas aulas, o que deveria ser mais um incentivo para que eles levassem esse critério em consideração, a fim de se valerem de materiais que valorizem mais o ensino de língua materna de forma contextualizada e significativa para o educando. Já os que afirmaram considerar os Parâmetros na hora da escolha do livro didático acreditam que tais critérios são importantes para que o processo da aprendizagem seja mais produtivo.

A quinta questão abordada nos questionários pergunta se os professores participam da elaboração dos critérios para adoção dos livros didáticos quando a escola realiza o processo de escolha desses materiais e, em caso afirmativo, com quem ela é realizada.



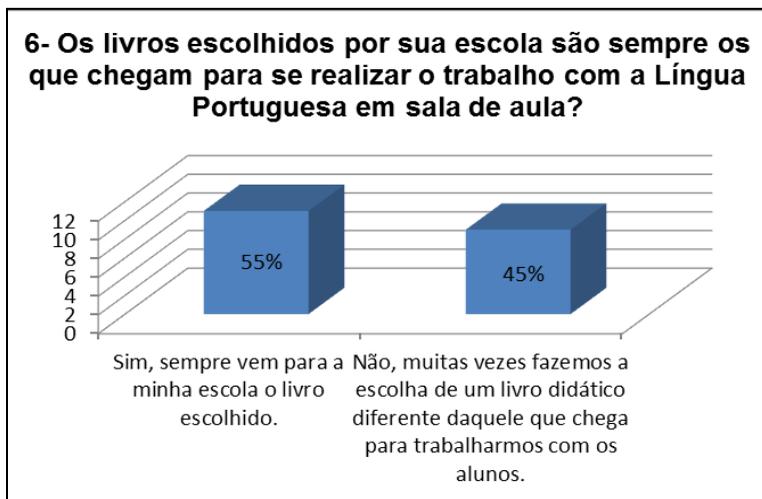
**Gráfico 5 – Participação do professor na escolha dos livros didáticos.**

**Fonte: dados da pesquisa**

O resultado obtido para essa questão apontou alguns dados que chamou-nos a atenção. Uma delas é que 20% dos professores não fazem parte desse processo de escolha do livro didático, ou seja, ele é escolhido por outras pessoas que não trabalham com o ensino de língua, o que pode causar ainda mais um distanciamento entre a realidade da turma e do livro didático a ser adotado. Isso nos leva a crer que o importante é ter um livro para ser trabalhado em sala de aula e não a qualidade desse material e sua proximidade com a realidade de cada sala de aula, que o professor, mais que qualquer outro membro escolar, conhece. Outros docentes, que totalizaram 40% dessa amostragem, responderam escolher os livros juntamente com os outros colegas da área e a coordenação pedagógica da escola. Será realmente importante a presença da coordenação para tal escolha? De que forma será sua influência? O mesmo ocorre com os outros 10% que afirmaram realizar a adoção dos manuais didáticos juntamente com a coordenação pedagógica e a direção da escola, o que pode fazer com que a opinião desses outros dois segmentos da instituição possa influenciar os docentes a adotarem o livro que difere da realidade de seus alunos e que não condiz com o que seria realmente a sua escolha. Nos dados avaliados, apenas 30% dos docentes afirmaram que, em suas escolas, a adoção do livro didático é realizada somente entre os professores de língua portuguesa. Cabe salientar, mais uma vez, que não há ninguém

melhor que os próprios professores para conhecerem a realidade de sua clientela.

Já a sexta questão dos questionários indaga dos docentes se os livros escolhidos por sua escola são sempre os que chegam para se realizar o trabalho com a língua portuguesa em sala de aula.



**Gráfico 6 – Livros que chegam à escola. Fonte: dados da pesquisa**

Percebe-se que a maioria respondeu que chegam os livros que a escola escolhe para adoção, porém, 45% dos educadores afirmam que muitas vezes chega à unidade escolar em que trabalham um livro didático diferente dos eleitos pelos docentes, sejam eles a primeira ou segunda opção realizada. Acredita-se que tal fato ocorre devido à pequena demanda de escolhas, ou seja, outras escolas – que também participam do processo de escolha – podem optar por livros diferentes e, por isso, o governo – seja na esfera municipal ou estadual – opta pelo mais escolhido, uma vez que é mais lucrativo realizar a compra do maior número possível de exemplares de uma mesma editora, pois acaba sendo mais econômico. O fato de chegarem às escolas livros didáticos diferentes dos escolhidos pelos docentes pode levar ao mau uso desse manual no ensino de língua, uma vez que o próprio educador não tem afinidade ou apreço por ele.

A sétima abordagem busca saber do educador se ele faz o uso do manual do professor – contido nos livros didáticos – para trabalhar com a

correção ou explicação de um dado conteúdo abordado pelo livro. Apenas 15% relata nunca recorrer a esse material e 85% afirmam usar o manual de correção, pois sentem-se mais seguros para realizar as atividades com seus alunos. De acordo com Souza (2011), esses manuais podem funcionar como uma “arma” no processo da aprendizagem, visto que o professor confia mais nas respostas trazidas por eles do que em seu conhecimento próprio. No entanto, sabe-se que o manual do professor é um recurso que também apresenta erros, sejam eles de impressão ou até mesmo de conteúdo, o que acaba por levar o educador a fazer correções de atividades que possam apresentar determinados erros que comprometam profundamente o aprendizado dos seus alunos. Dessa maneira, o manual do professor pode ajudar o educador a tirar alguma dúvida como pode, também, levá-lo a cometer determinado erro por confiar mais nas respostas trazidas pelo livro didático do que nas suas. Assim, o discurso presente no livro didático influenciará na prática pedagógica do educador, na forma como irá conduzir suas aulas, visto que tal discurso será representado pelo discurso de outros.

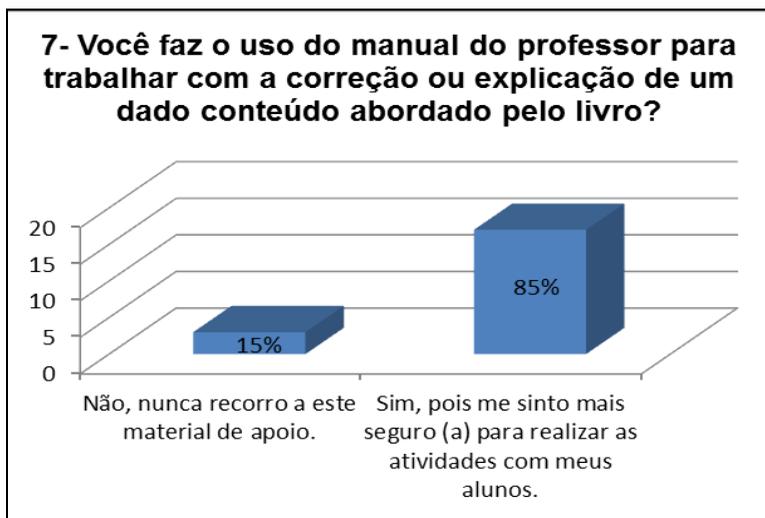
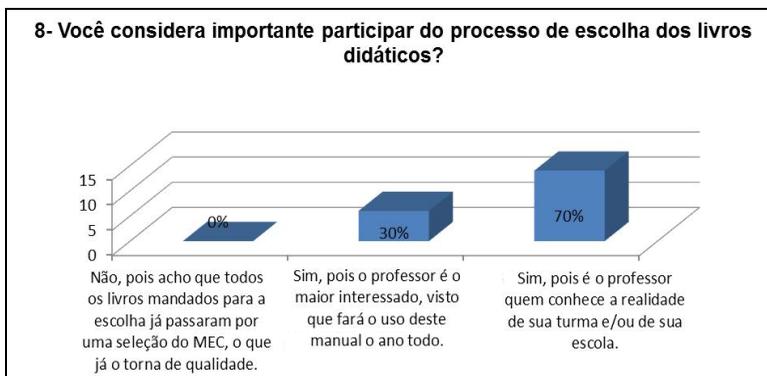


Gráfico 7 – Uso do manual do professor. Fonte: dados da pesquisa.

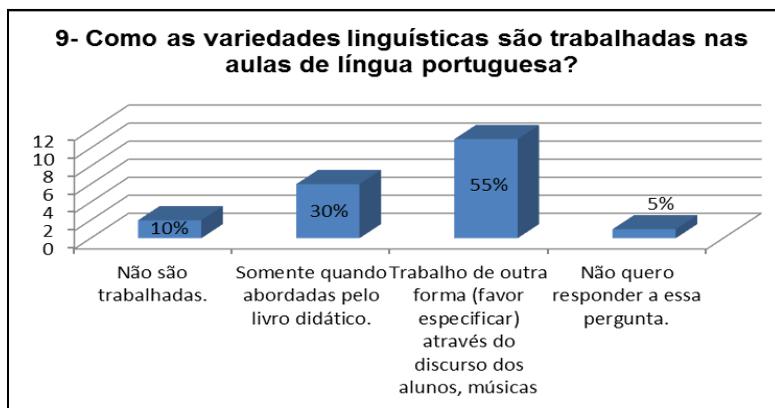
A oitava questão aborda do professor se ele julga importante participar do processo de escolha dos livros didáticos a serem adotados.



**Gráfico 8 – Importância da participação na escolhas dos livros didáticos**  
Fonte: dados da pesquisa

Com esse resultado percebe-se que a maioria dos professores – 70% – tem a consciência de que o aluno é o principal elemento no processo da aprendizagem, por isso consideram importante participar do momento da adoção dos livros didáticos, uma vez que ele conhece a realidade da clientela com que trabalhará. Já 30% consideram o livro didático como um recurso didático que traz benefício maior ao educador, ao afirmar que a importância de se participar da escolha é que o livro didático fará parte de sua vida escolar durante todo o ano letivo, sendo, assim, o educador o maior beneficiado.

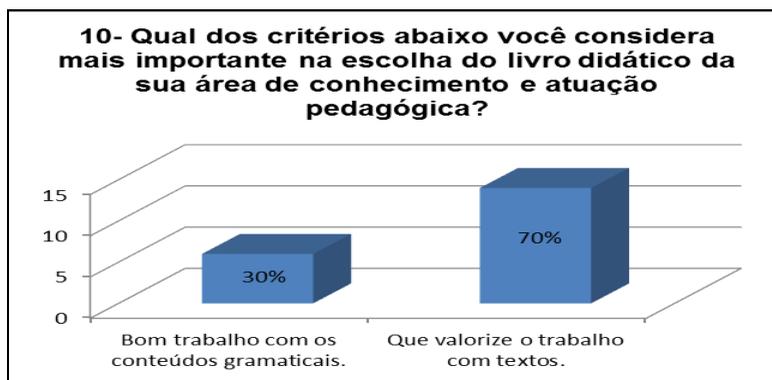
Na nona questão, é perguntado ao docente como as variedades linguísticas são trabalhadas nas aulas de língua portuguesa.



**Gráfico 9 – Trabalho com as variedades linguísticas. Fonte: dados da pesquisa**

Verifica-se que a maioria dos professores – 55% – afirmaram trabalhar as variedades linguísticas em suas aulas além do que aborda o manual didático, sendo que grande parte disse trabalhar “durante o ano letivo”, “em outras atividades em que surja a oportunidade de se destacarem as variedades linguísticas, como, por exemplo, no discurso dos alunos”. Já 30% respondeu trabalhar com as variedades somente quando o livro didático aborda o assunto, o que mostra que são seguidores desse material, não buscando outras alternativas que vão além da abordagem dos manuais didáticos. Apenas 10% dos educadores afirmaram não trabalhar com esse tópico e somente 1 professor – que totaliza 5% dessa amostragem – não quis responder a questão. Cabe ressaltar aqui que, embora a maioria dos docentes tenham a consciência sobre a importância de se trabalhar com as variedades linguísticas em sala de aula, ainda há uma porcentagem considerável – 45% – que não percebem a relevância dessa abordagem no processo de aprendizagem do ensino de língua. No entanto, a maioria desses docentes afirmaram, na questão três desse questionário, que conhecem os PCN, o que demonstra que eles sabem da relevância em se trabalhar com tal conteúdo, embora não o façam.

A décima pergunta indaga do educador qual dos critérios elencados ele considera mais importante na escolha do livro didático da sua área de conhecimento e atuação pedagógica.



**Gráfico 10 – Critérios importantes na escolha dos livros didáticos.**

Fonte: dados da pesquisa

Nessa questão, 70% dos docentes disseram priorizar o trabalho com textos e 30% que valorizam aqueles livros didáticos que trazem um bom trabalho com os conteúdos gramaticais. Embora pareça já estar havendo uma mudança no que compete a privilegiar-se o trabalho com con-

teúdos gramaticais, ainda se faz necessário que os professores revejam sua prática de ensino de língua materna, visto que é importante que outros fenômenos linguísticos também sejam privilegiados para que, assim, os educandos passem a refletir sobre os fenômenos existentes na língua e para que o trabalho com a língua materna os leve à reflexão.

Com a avaliação desses questionários fica evidente que o ensino de língua materna já vem passando por várias mudanças, mas muito ainda necessita de ser (re)pensado a esse respeito. O livro didático ainda é visto pelos professores como fonte de legitimação do conhecimento, uma vez que consideram esse material como principal suporte de apoio em suas aulas. A ideia defendida não é que se descarte o uso do livro didático em aulas de língua materna, mas que o docente saiba fazer as adaptações necessárias para que seu uso seja produtivo e se aproxime da realidade de sua clientela.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Eliana Santos; GORDILHO, Tereza. *Novo diálogo*. 9º ano. Ed. renov. São Paulo: FTD, 2009.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Textos: seleção variada e atual. In: \_\_\_\_; DIONISIO, Angela Paiva. (Orgs.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011.

MARCUSHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Angela Paiva. (Org.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Português: uma proposta para o letramento*, vol. 9. São Paulo: Moderna, 2002.

SOUZA, Deusa Maria de. Livro didático: arma pedagógica? In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. 2. ed. Campinas: Pontes: 2011, p. 93-103.